

Transcrição da Escola de Comunidade com Julián Carrón Milão, 18 de dezembro 2013

Texto de referência: L. Giussani, “A concepção que Jesus tem da vida”, cap. 8 de Na origem da pretensão cristã, Ed, Companhia Ilimitada, São Paulo, 2012, pág. 117-122.

- *Dal profondo*
- *Sou feliz Senhor*

Glória

Carrón: Iniciemos o oitavo capítulo de *Na origem da pretensão cristã*. Pelas perguntas que chegaram, a primeira coisa que é preciso esclarecer é qual o sentido deste capítulo para poder entendê-lo no seu verdadeiro significado. Começo com uma pergunta que põe claramente esta questão: “Caro Carrón, queria lhe perguntar por que o oitavo capítulo deste livro é ‘estrondoso’, como você disse, pois pra mim está sendo difícil entender o nexos com aquilo que estudamos até agora. Percebo que me é pedido um trabalho mais intenso, mas facilmente perco o fio da meada e cada vez que leio me parece que o que eu leio é verdadeiro, mas não parto de uma experiência que fiz [esta é a questão], por isso aquilo que leio não incide sobre a vida. Então, por que para você é estrondoso?”

Colocação: *Num grupo de Escola de Comunidade, onde há várias pessoas novas que começaram a vir há pouquíssimo tempo, senti a necessidade de relembrar os pontos anteriores para entenderem onde tínhamos chegado. E então percorri o livro: como surgiu o problema na história, com o passar do tempo uma profundidade de certeza, a pedagogia de Cristo ao revelar-se, a declaração implícita, a declaração explícita. Depois disse: “No final deste percurso, Dom Giussani escreve este capítulo sobre a concepção que Jesus tem da vida”. E uma destas pessoas novas diz: “E o que isto tem a ver?”.*

Carrón: Um novo e um velho com a mesma pergunta: “O que é que tem a ver?”

Colocação: *“O que isto tem a ver depois de Jesus ter dito que é Deus?”. Na discussão que surgiu e também em outras discussões, ouvi ser dada esta resposta: “depois de Cristo dizer que era Deus, quis ensinar como se faz para viver”; ou seja, este capítulo seria, depois de toda uma série de capítulos cognoscitivos, um capítulo sobre a moral. Ora, como isto pra mim não faz sentido, eu contestei, mas gostaria que você nos ajudasse a entender melhor, porque me parece que este capítulo assinala realmente a novidade de Dom Giussani sobre o modo como nós podemos entender e viver a fé.*

Carrón: Parece-me que a pergunta daquela pessoa é a mesma que todos nós muitas vezes podemos ter: o que tem a ver isto com o percurso que fizemos, com toda a trajetória da convicção, com toda a pedagogia de Jesus ao revelar-se até a declaração implícita e a explícita? O que tem a ver, agora, este capítulo que parece ser uma lição, como alguém disse, sobre a moral ou sobre a antropologia (o que é o homem para Jesus)? Como quem diz: agora faz uma bela dissertação sobre o que Jesus pensa da vida, mas parece que isso não tem a ver com o percurso. Um capítulo destes – poderia se dizer – ficaria bem num livro de antropologia, mas não num livro em que se descreve o percurso da fé. Esta é a primeira questão que deve ser identificada, e é o objetivo desta noite.

Colocação: *No último encontro do meu grupo de Fraternidade, convidei uma amiga que não conhece bem o Movimento e no fim perguntei a ela o que tinha achado. Disse que tinha ficado impressionada com as intervenções porque havia muitas pessoas com sérias dificuldades no trabalho ou com a família: “Estas pessoas, ao contrário de outras que conheço, não estão desesperadas e impressionou-*

me especialmente um casal que tem uma filha doente, mas eles não vivem esta situação com uma raiva desesperada, mas estão serenos”. E concluiu dizendo: “Esta noite vi muito bem Jesus”. Para dizer a verdade, eu não tinha me dado conta de nada em especial, estava concentrado em outra coisa, e me senti como alguém que não se dá conta da realidade que tem diante de si. Por isso me lembrei do que você tinha dito na última Escola de Comunidade, que Cristo acontece sempre através de alguém para nos chamar ao essencial. Mas depois tinha acrescentado que se uma pessoa não se dá conta da experiência que faz, não é porque um outro lhe diz que ela pode fazer (porque uma descrição não é uma coisa pessoal). Por isso gostaria de lhe perguntar se aquilo a que a minha amiga me chamou a atenção pode ser uma experiência para mim, ou se pode ser um indício, mas de algo que deve se tornar pessoal. Dou-lhe um exemplo: quando ela me disse isso, me dei conta de que o meu modo de enfrentar os problemas de todos os dias não nascia de uma esperança, mas muitas vezes de uma raiva.

Carrón: Em sua opinião, o que é que isso que acabou de dizer tem a ver com este capítulo?

Colocação: *Tem a ver com o fato de que até o modo de Jesus conceber a realidade era um pouco como aquele dos meus amigos que não partiam de um desespero, é um modo diferente...*

Carrón: Quer dizer, eles deram um testemunho belíssimo de como se vive moralmente. Era esta a questão? É disto que fala o capítulo?

Colocação: *Sim. Para dizer a verdade, quando lhe escrevi a pergunta, não tinha em mente o capítulo.*

Carrón: Exato. Este é o ponto. Foi por isso que pedi para você intervir. Depois respondo à sua pergunta, não é que vai escapar assim...

Colocação: *Eu quero partir de um fato para depois dizer como, em minha opinião, ele tem a ver com o capítulo. O fato é este: no Natal organizamos um jantar com as pessoas que acompanhamos na procura de trabalho, com quem temos nos encontrado e conversado. Entre estas pessoas lembrei-me de um senhor que encontramos em abril, com quem uma amiga tinha se deparado numa manhã, no metrô, quando ele tocava trompete e tinha um cartaz “Procuro trabalho”. Ela parou, falou com ele e alguns dias depois nos encontramos às sete da manhã. Nós o vimos apenas naquele dia, e depois me esqueci dele. A minha amiga também se esqueceu dele. Nunca mais o vimos. Nestes dias, enquanto fazia a lista dos convidados me lembrei daquele encontro que foi um espetáculo, os seus olhos, como era curioso e interessado. Enfim, telefonei à minha amiga e ela me dá o celular dele, que é ucraniano. Telefonei: “Olá, como está?”. Ele me reconheceu imediatamente. “Não posso acreditar! Fantástico!”. Perguntei: “Como é que se lembra de mim?”. E ele: “Mas como posso me esquecer daquele dia?!”. E não é que tenhamos ficado perto dele, e nem o ajudamos a procurar trabalho. Ele me disse que fazia uns bicos. Então perguntei: “Pode vir na sexta?”. “Vou. Claro que vou”. E estava lá todo contente. Isto me fez pensar no capítulo da Escola de Comunidade, quando se fala da concepção que Jesus tem da vida, quando diz que “é na concepção de vida proclamada por Cristo, na imagem que Ele dá da verdadeira estatura do homem, é no olhar realista que Ele lança sobre a existência humana, que o coração que busca o seu destino percebe a verdade na voz de Cristo que fala; é aqui que o coração ‘moral’ se percebe o sinal da Presença do seu Senhor” (p. 123). E num encontro recente, você disse uma coisa maravilhosa sobre esta mesma passagem: “Por isso, quando uma pessoa está diante de Outra que olha desta forma para Zaqueu e para a Samaritana, ou que diz: ‘Maria!’, vê a força que tem, percebe que não é um fato sentimental e que aquele olhar é tão impossível para o homem que, quando acontece, é o sinal do divino. Nada de sentimental! É um juízo sobre aquele olhar, este é o seu valor; faz você sentir isso, faz você experimentar, faz você vibrar e só o divino pode fazer isso. É a partir daqui que uma pessoa descobre todo o valor da sua própria pessoa, porque ‘nunca fui olhado assim, nunca ninguém me fez tomar consciência de mim deste modo e por isso ninguém se revelou tão divino como Ele’. Isto fala mais de Jesus do que qualquer outra coisa, mais do que a cura dos paráliticos ou dos cegos”. Isto me impressionou porque este ucraniano não disse todas estas coisas,*

mas no seu olhar, pelo modo como estava contente, vibravam nele estes traços, tinha acontecido a mesma coisa com ele.

Carrón: Mas quando você me contou isso antes, nem sequer tinha se dado conta do que estava contando! Então, o que acontece, amigos? Podemos contar fatos espetaculares como os que ouvimos, mas quando eu pergunto: “E o que você aprendeu com isso? O que o impressionou?”, silêncio! Você fica impressionado de que o outro se comova, mas e você? O que você reteve daquilo que aconteceu com ele? Este é o alcance deste capítulo. Por isso, Giussani – começo a entrar na questão – introduz o capítulo com uma premissa que é decisiva; decisiva não apenas para o capítulo, para entender o capítulo, para entender o sentido, o nexa, como dizia a pergunta, para não perder o fio condutor com o resto do livro, mas sobretudo para não perder o que acontece na vida diante de nós, para o nosso caminho de fé. A questão deste capítulo é se ele tem a ver com a moral ou com o conhecimento. Porque se tem a ver com a moral, o que mais impressiona é que existem boas pessoas que diante de uma situação difícil não estão desesperadas, ou que existem pessoas que ajudam outros a procurar trabalho. Deus até pode nos usar para chegar aos outros, mas nós não nos damos conta do significado das coisas que o Senhor faz acontecer diante dos nossos olhos para o nosso percurso de fé: por isso é uma questão de conhecimento! Por isso, a primeira carta que citei terminava com esta belíssima comparação: “Parece que o que eu leio é verdadeiro [podemos dizer coisas verdadeiras], mas não parto de uma experiência que fiz [uma pessoa conta estes fatos que acontecem aos outros, mas não como uma ‘experiência que eu faço’], por isso aquilo que leio não incide sobre a vida”. Então, respondendo à penúltima intervenção, digo que a experiência de um amigo torna-se sua se o que você viu na sua amiga – ainda por cima a última que chegou – também é revivido por você. Como nos testemunhou tantas vezes Dom Giussani: o último a chegar podia ser aquele que ele próprio seguia, porque seguir – como nos disse sempre – é reviver a experiência que vejo um outro fazer. Portanto, a questão é que você possa refazer a experiência que a amiga fez e que o impressionou. De fato, o que isto evidencia? Que estamos diante de um problema de método: como é possível que aquilo que aconteceu com a amiga se torne seu? Este é o alcance da premissa. Porque o problema não é que Dom Giussani não tivesse mais nada para fazer do que dizer premissas sobre as condições de possibilidade do conhecimento de algo que vai explicar depois; não, é que se não nos dermos conta – como vocês próprios veem – não retemos, e dizemos coisas que até são verdade, mas não são experiência. Por quê? Porque para reter o que percebeu a última que chegou é preciso uma “genialidade humana”, diz o capítulo. O que significa “genialidade humana”? Se fizermos agora a comparação com o que ouvimos, percebemos que esta genialidade humana não é um nível de santidade – diz na página 118 –, não é um nível de irrepreensibilidade ética, não estamos falando disso. Para reter o que acontece é preciso a abertura original da alma. No Evangelho, é isso que está em causa. Os fariseus eram infinitamente mais irrepreensíveis do que os publicanos, mas não retinham, nem estavam disponíveis para reter o que acontecia diante dos seus olhos. Os publicanos tinham muitas culpas, eram eticamente desastrosos, mas tinham esta abertura, a ponto de irem falar com Jesus e serem atacados por isso. Então, a questão é que para entender o que a amiga entendeu é preciso uma genialidade humana: ali ela viu Jesus! Não disse só que eram boas pessoas, mas entendeu que não podia reduzir o que tinha visto a uma força ou a uma energia deles; para explicar o que os seus olhos viam disse: “Eu ali vi Jesus”. A sua amiga viu o que você também viu, mas você não percebeu nada do ela viu; os fatos estavam ali, à sua frente, mas você viu como ela tinha se impressionado, ficou impressionado com a sua amiga. Portanto, estava fazendo com a sua amiga a experiência que ela tinha feito com os outros, mas não se dá conta, e por isso me pergunta: “Eu posso fazer a experiência que a minha amiga faz?”. Você já está fazendo, mas não se dá conta disso! Se não fosse assim, nem teria feito uma pergunta hoje, porque não estaria impressionado com aquela mulher, a última que chegou. É verdade? Só por ter interceptado naquela mulher o que você interceptou, já quer dizer que, através dela, estava chegando até você o que tinha acontecido com ela. Dá para entender? Quanto à última pergunta, digo: amigo, você não entendeu que, através do que

estava acontecendo com o senhor ucraniano, a mesma experiência estava chegando até você. Estava tão entusiasmado descrevendo a maneira como o seu amigo tinha ficado impressionado, que nem se deu conta de que o Mistério tinha chegado ao seu amigo para que você pudesse tocar com as mãos uma experiência viva (é diferente de dizer as coisas certas ou fazer um discurso citando algo que eu tenha dito num encontro!). É decisivo não deixarmos escapar a possibilidade de estar envolvidos no presente numa experiência que nos faça tocar Cristo com as mãos. E isto, alguns conseguem perceber.

Colocação: *Lendo o capítulo oitavo, sobre o qual estamos trabalhando, me perguntei: alguma vez já encontrei um homem assim, quer dizer, com uma moralidade da qual jorra o amor infinito pela pessoa? Não posso deixar de pensar nos Exercícios dos Universitários (CLU), que ocorreram agora. Nestes dias experimentei a presença de um homem assim, identificado com Cristo. Impressionou-me quando, no domingo de manhã, você nos disse: “Esta manhã pensei em vocês e senti por todos uma grande ternura, uma ternura infinita pelo destino de vocês”. É inevitável que surja a pergunta: quem é este que sente ternura por mim? Deparei-me com um homem como eu, com o mesmo desejo que eu, com a mesma carne que eu, mas que me olha como se eu tivesse um valor infinito. Acontece hoje uma experiência...*

Carrón: Acontece hoje uma experiência como aquela de dois mil anos atrás! Acontece hoje! Não estamos falando de uma recordação e, agora, fazemos teologia sobre a recordação. Estão entendendo o alcance do capítulo?

Colocação: *Acontece hoje uma experiência que torna razoável o caminho que você nos propõe, e é com esta gratidão no coração que me lanço à descoberta do dia-a-dia.*

Carrón: Para o seu percurso da fé, para o que serviu aquilo que você disse? Esta é a questão: se aquilo que aconteceu nos Exercícios de Rímíni [dos universitários] este fim de semana serviu para você.

Colocação: *Serviu para ter as razões para estar aqui.*

Carrón: Ou seja?

Colocação: *Serviu para poder dizer: este percurso me corresponde e me interessa.*

Carrón: Uma pessoa toma para si o alcance daquilo que acontece diante dos seus olhos. Não me interessa com quem acontece, isso é secundário (pode acontecer com alguém que você encontra no trabalho, pode acontecer com uma amiga que você convida, pode acontecer com quem prega os Exercícios), não interessa. O problema é se em tudo aquilo que acontece, quando acontece diante dos nossos olhos, nós podemos reconhecê-Lo. Entendem? O problema deste capítulo não é a moral, porque este capítulo é mais uma etapa no percurso da fé: só se nós conseguimos, agora, reconhecê-Lo no presente, é que podemos viver este capítulo – como dizíamos antes – não como a repetição de coisas, ainda que verdadeiras, mas como possibilidade de fazer experiência hoje daquilo de que nos fala o capítulo. Com mais uma consideração: a questão é que existem pessoas – e isto é o que cada um de nós deseja – que captam, naquilo que acontece, a presença de Cristo. Por que Giussani faz isso? Diz: “O valor de uma pessoa não se percebe diretamente [não é que lhes apareça aqui a Santíssima Trindade] [...]. O íntimo da pessoa pode ser compreendido na medida em que se revela [...] através de ‘gestos’” (*Na origem da pretensão cristã*, p. 117), dos sinais. São como os sintomas que o médico pode reconhecer, na medida em que é capaz de entender, nestes sintomas, a extensão da doença. Olhem para esta expressão: “Para colher e julgar o valor de uma pessoa [...] é necessária [...] uma ‘genialidade humana’!” “Colher” e “julgar”: tem a ver com o conhecimento. É necessária uma sensibilidade humana que é feita de “sensibilidade natural”, de “uma educação completa” e de “atenção”. Porque só assim podemos “interpretar os gestos daquela pessoa como sinais significativos nesse preciso sentido” (*idem*, p. 117-118). Então, aquilo que está falando o capítulo oitavo é sobre a genialidade humana: não é um dote particular – nós ouvimos a palavra “genialidade” e pensamos num gênio estranho, e dizemos: “Eu não sou um gênio, então não posso entender!” –; a genialidade humana de que fala não é a que estamos habituados na linguagem comum. É sim aquela disponibilidade, aquela atitude, aquela abertura original

que permite compreender, como aconteceu ao amigo ucraniano, ou à senhora que vai pela primeira vez à Fraternidade, ou à universitária: todos podem entender o que está acontecendo. Toda a questão, portanto, reside em compreender que não há uma irrepreensibilidade ética, mas uma abertura original. E isto tem a ver com aquele sentimento próprio da criatura, ou seja, com aquela consciência que uma pessoa tem de si mesma da dependência total do ser da realidade, e pela qual cada pessoa se deixa impressionar pela realidade, tocar pela realidade. Sem isto não se pode compreender; e como acontece muitas vezes, não é que não contemos coisas que nos impressionam, mas não as entendemos; ou melhor: alguma coisa entendemos, caso contrário não as contaríamos, mas nos escapa o melhor. E o que significa não entender? É não entender o valor daquilo que vemos. E por que isto acontece? Porque falta a disponibilidade para entender. E por que falta esta disponibilidade para entender? Não é porque uma pessoa diga: “Não quero ter”, mas porque muitas vezes reduzimos esta disponibilidade a uma mera espontaneidade. “Como viemos ao mundo como crianças, com esta abertura original que se revela na curiosidade que têm sobre todas as coisas, então quer dizer que isto fica assim para resto da vida”. Nada de mais contrário à experiência! Esta abertura original, se uma pessoa não se empenhar em mantê-la constantemente aberta, não resiste, e então já não percebemos aquilo que acontece. Tanto é verdade que os últimos são os primeiros, quer dizer, são aqueles que têm ainda a capacidade de se deixar surpreender; nós já vimos de tudo, as coisas parecem que já não nos dizem nada, então quando muito repetimos um discurso, mas já não fazemos experiência. Estão entendendo? Isto está em jogo em todo o capítulo oitavo. Sem isto, o que acontece? Que contando coisas lindíssimas e sensacionais nós perdemos a fé pelo caminho, porque tudo aquilo que acontece não aumenta a fé, não cimenta – dizia-me uma amiga –, “não cimenta a relação com Ele”. Porque todo o capítulo tem como objetivo que todas as coisas que nos acontecem possam tornar-se algo que cimenta, que aumenta a certeza. Por isso este capítulo está no meio do percurso da fé. Não é que Giussani, tendo chegado agora à divindade de Jesus, mude de discurso e nos fale de moral ou de antropologia; não, tudo isso, desde a premissa original, é para nos ajudar a entender aquilo que aconteceu. E impressionou-me, na última intervenção, que isto responda também a uma das questões que surgiu no início de ano, quando falamos do “sermos chamados pelo nome”; muitas vezes uma pessoa interpreta de modo pessoal: “Se Jesus não vem a minha casa como foi a casa de Zaqueu, eu não me sinto escolhido”. Ela era uma entre cinco mil pessoas nos Exercícios do CLU, e vejam o que aconteceu com ela!

Colocação: *Eu também participei dos Exercícios do CLU...*

Carrón: Outra entre outros cinco mil.

Colocação: *E posso dizer que voltei para casa mais ferida que nunca. Discuti com a minha mãe sobre uma questão um pouco delicada. Os meus pais são divorciados há anos e, desde que cresci um pouco percebo que é uma situação que cria muita tensão com a minha mãe. Ela sofreu muito, e sofre ainda hoje com o pensamento de que ele tenha reconstituído uma família e nos abandonado. Por mais que eu perceba a sua dor e a sua raiva, não posso deixar de pensar que ele é o meu pai, não posso pensar que nasci de alguém que não me quer bem, fico arrepiada só de pensar nisso. Crescendo, muitas vezes me vi obrigada a escolher a quem dar razão diante das brigas deles. É como se devesse escolher um dos dois a quem devesse fazer menos mal, e para mim isso é um tormento, não sou capaz de separar o que é bom para mim do que é bom para eles. Normalmente acabo entrando em discussões para equilibrar tudo, tentando compensar as partes. Porém, desta vez não fui capaz, não fui capaz de me sufocar outra vez, o meu coração já não me deixa dar juízos superficiais (como: que azar ter uma família assim!). Depois dos Exercícios tenho um pensamento que me assalta, ouço continuamente a sua frase: “Somente o divino salva a nossa estatura humana”. Será possível que você estava brincando comigo quando disse isso? Será possível que você não me incluiu nesta frase, a mim e à minha família, exatamente assim como é? Não! Pelo modo como me comovi nestes dias, por como senti vibrar o meu coração nestes dias, por como sinto tudo queimando, não é possível que não seja também para mim*

tudo o que você disse, não teria me sentido chamada como sinto. Não sei qual será a escolha certa, se e quando devo ir ver o meu pai com a sua família; sei que olhando para minha vida tendo nos olhos o que vivi em Rímíni nestes dias, o meu eu começa a vir mais à tona, com a minha necessidade de Alguém que tome tudo de mim e da minha vida, capaz de abraçar os meus pais mais do que eles conseguiram se abraçar. Fico com lágrimas nos olhos se penso que nunca olhei para eles e para mim com este olhar! É um olhar do outro mundo neste mundo que lentamente está tomando todas as partes da minha vida e que, aos poucos, procuro sempre mais. Estou inquieta, mas estou começando exatamente agora um caminho de verificação, imediatamente. E este é um caminho humano.

Carrón: Obrigado. Esta nossa amiga fez uma experiência ou repetiu algo verdadeiro do texto? Só quem fez uma experiência pode entender a dimensão daquilo que citou: “Só o divino salva a estatura do humano”, e por isso pode enfrentar o presente sem ficar sufocado por uma situação como aquela descreveu. Até numa situação como esta se sente chamada assim: uma entre cinco mil, por aquilo que viu nestes dias. E o que ela viu? Um olhar do outro mundo neste mundo. Algo real e presente, não uma lição de antropologia ou de ética. Até o ponto que agora pode desafiar qualquer redução. Isto é sentimental ou produz uma mudança que permite a ela estar diante do desafio que descreveu? Cada um decida! Porque, para que algo seja sentimental ou não, depende da capacidade de mudança, da capacidade de me tomar para que eu possa enfrentar o real, possa estar no real, diante dos desafios do viver. E se nós não entendemos isso, o capítulo torna-se mais uma ocasião para as nossas reflexões, para os nossos comentários sobre o texto, mas sem que aconteça algo presente, pelo qual não entendemos e nem sequer podemos colher que só o divino salva a nossa estatura humana. Podemos repeti-lo, porque já repetimos muitas vezes, e podemos repeti-lo outra vez, como dizia o primeiro email, “como coisas ditas verdadeiras, mas não a partir de uma experiência feita, por isso aquilo que leio não incide sobre a vida”. Pelo contrário, incide sobre a vida quando o entendemos bem? Certamente! Incide muito mais do que qualquer outro tipo de estratégia. Mas para que possamos vê-lo incidir é preciso que nós tenhamos a genialidade humana de colher aquilo que acontece. E o que se vê é que uma pessoa não fica ali parada, que aquele não é o ponto de chegada, mas a retomada do desejo de verificação. “Estou inquieta, estou começando justamente agora um caminho de verificação”. Imediatamente! A pessoa tem desejo de ver se isso é capaz de sustentar a vida. Portanto, toda a grandeza do capítulo está precisamente nisto: se podemos fazer uma experiência no presente. Porque Jesus não mudou o método, e Giussani não mudou o método que nos mostrou desde o início até agora; esta é uma radicalização, porque tudo o que dizia na premissa, que nunca podemos considerar óbvia, é a condição para que eu possa entender o gesto mais iluminador, do sinal mais significativo que Jesus faz. Podemos dizer que este é o cume de todo o percurso da revelação de Jesus, o último passo. E isto diz de toda a genialidade de Giussani, porque que uma pessoa possa colher na concepção que Jesus tem da vida, toda a grandeza, toda a novidade de Jesus, a Sua divindade, é estrondoso. É necessária a genialidade de Giussani, porque em nenhum livro de cristologia aparece algo do gênero, um capítulo como este. E isto revela o carisma a que pertencemos. O contrário de discursos sobre antropologia! E por isso nós, enfrentando o capítulo, podemos ser infiéis ao carisma, podemos arruiná-lo, não nos dando conta daquilo que estamos falando. A mesma genialidade que Giussani teve para colhê-lo é aquela que nós tivemos para colhê-lo em tudo o que acontece, porque, como veem, acontece diante dos nossos olhos, não somente naquilo que lemos no capítulo, mas naquilo que acontece na vida. Giussani nos descreve isso para nos fazer perceber o que está acontecendo diante dos nossos olhos. E quando uma pessoa percebe isso, sente-se chamado pelo nome, mesmo que seja uma entre cinco mil, não precisa que alguém vá a sua casa, sente-se chamada pelo nome. Por quê? Por aquilo que se lia antes, porque só o divino pode ter um olhar assim sobre o humano, salvar o humano. É na concepção da vida que Cristo proclama, é no olhar que Ele tem sobre o homem que quem tem o coração com esta disponibilidade colhe o divino. Porque se o coração é só uma noção que diz respeito ao nosso senso religioso, que depois deixamos no armário porque “agora estamos falando de Cristo”, nós não

colhemos aquilo que acontece, e, pelo contrário, aqueles que chegam pela primeira vez colhem, e muito bem, pois para eles é um encontro. Mas aquilo que acontece a eles, como aquilo que nos aconteceu, não fala apenas do primeiro encontro; é o caminho de cada encontro, é o caminho pelo qual precisamos constantemente de Cristo. De outra forma, depois nos lamentamos: “Sim, no início foi assim, mas depois desapareceu”. E nós pensamos que podemos viver de renda? Vejam se podem viver dos rendimentos! Não, porque Cristo não mudou o método. O problema é que nós mudamos! E pensamos que já não precisamos que aconteça isso. Nós mudamos o método e em vez de estarmos atentos àquilo que acontece, comentamos aquilo que acontece! É muito diferente. É evidente que depois uma pessoa vai dizer que uma experiência assim não incide sobre a vida: não pode incidir. Por isso, pelo contrário, “o coração que busca o seu destino [ou seja, que tem esta abertura] percebe a verdade na voz de Cristo [...], percebe [colhe, intercepta] o sinal da Presença do seu Senhor” (*idem*, p.123). É assim que podemos viver o Natal, acolhendo a presença do Senhor, de outra forma para nós o Natal será uma recordação devota; interessante como elemento cultural ou religioso, mas não como algo presente.

AVISOS:

A próxima Escola de Comunidade vai ocorrer na terça-feira dia 29 de janeiro às 21h30. Para a próxima vez – como veem, entende-se agora porque o capítulo é “estrondoso”, por isso não temos pressa – faremos do ponto 2 até o ponto 4.

“A alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Aqueles que se deixam salvar por Ele são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento” (Francisco, *Evangelii Gaudium*, 1). Por isso também este Natal é uma ocasião de reler a **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium** do **Papa Francisco**, para que possamos participar deste *gaudio*, desta alegria do anúncio de Cristo que vem e que se torna carne para nós.

A este propósito dei uma entrevista ao jornal *Avvenire* que pode ajudar a introduzir a leitura do texto.

Os **Exercícios da Fraternidade** [na Itália] serão realizados de **4 a 6 de abril**.

Para celebrar o 60º aniversário do nascimento de Comunhão e Libertação vamos fazer um filme que documente a riqueza e a novidade de vida que o encontro com o Movimento traz à própria realidade quotidiana. É um desejo de comunicar aquilo que somos, depois de tudo o que aconteceu nos últimos anos em que nos atiraram toda a lama possível nos jornais. Isto diz respeito a todos, por isso desafia a criatividade de todos. Se você tivesse de dizer o que significa levar a uma família uma cesta básica ou o que significa ajudar alguém a encontrar trabalho, como diria isso através de um pequeno vídeo que documente – não apenas de modo didático, não como um discurso – como vivemos?

É importante que todos aqueles que possam, contribuam com filmes breves. Não é algo para profissionais. No site: www.video60.clonline.org se encontram as indicações práticas. Peço a vocês para levarem a sério o aviso pela importância que tem, para poder dizer de modo belo, sugestivo, interessante, porque somos do Movimento, o que foi que nos aconteceu.

Bom Natal a todos.

Veni Sancte Spiritus